



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

ELISA LUCINDA EM PROSAS E VERSOS: A EXPERIÊNCIA DE MILITÂNCIA DA MULHER NEGRA

Dayane Soares Magalhães
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil
Endereço eletrônico: daianemagalhaessss@gmail.com

Elizeu Pinheiro da Cruz
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil
Endereço eletrônico: elizeuprof@gmail.com

INTRODUÇÃO

Diante de um Brasil contemporâneo imerso em um cenário racista e machista e dos desafios aos quais mulheres, negras e negros precisam enfrentar todos os dias na tentativa de reclamar seus direitos, surgem sujeitos discursivos que se dedicam a essas causas por meio de lutas e de denúncias. Elisa Lucinda representa uma das vozes que se destacam na luta social em favor desses grupos marginalizados, em uma sociedade marcada pelo favorecimento dos interesses de uma elite branca. Assim, por intermédio de discursos de resistência da poetisa, professora, atriz, cantora e ativista do movimento negro, estudamos como múltiplas linguagens se articulam e percebemos como os elementos não verbais são materializados para sustentar os textos verbais e para reforçar os sentidos de autoafirmação da mulher negra.

Desse modo, neste trabalho que se baliza pela Análise do Discurso, analisamos posicionamentos verbais proferidos pela enunciatória em poemas, palestras e entrevistas e buscamos interpretar como os efeitos de sentido de posição social e de posição de gênero são produzidos nos discursos não verbais, a saber: a forma de vestir, a desenvoltura corporal, os movimentos físicos, a expressão facial, o penteado do cabelo, a cor da pele, dentre outros.



METODOLOGIA

Metodologicamente, adotamos a perspectiva da Análise do Discurso. Para composição do *corpus* de análise, selecionamos textos que se constituem por mais de um tipo de linguagem. Posteriormente, analisamos a complementaridade entre modalidades diversas de linguagens, a partir de conceitos apresentados por Bakhtin: entonação valorativa, dialogismo, polifonia e enunciação. Recorremos ao conceito de papel desenvolvido dentro de uma cena enunciativa para compreender como a enunciativa Elisa Lucinda constrói um *ethos* de mulher negra, nos termos da formulação de Maingueneau (2011). Para este resumo, selecionamos um vídeo¹, no qual Elisa Lucinda declama o poema de sua autoria *Mulata Exportação*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No vídeo encenação do poema *Mulata Exportação*, analisamos os efeitos do verbal e do não verbal, os modos como estes dialogam entre si e como um confirma o outro.

1. Mas que nega linda
 2. E de olho verde ainda
 3. Olho de veneno e açúcar!
 4. Vem nega, vem ser minha desculpa
 5. Vem que aqui dentro ainda te cabe
 6. Vem ser meu álibi, minha bela conduta
 7. Vem, nega exportação, vem meu pão de açúcar!
- (LUCINDA, 1997, p. 184-185).

Durante toda a dramatização do poema, a enunciativa Lucinda dispõe de uma ferramenta importantíssima para a valorização do poema, a entonação expressiva que o colore. Essa entonação já existe na escrita, mas, ao estabelecer uma ligação entre corpo e voz no funcionamento da entonação, esta passa a mobilizar o corpo, inclusive o aparelho fonador, fazendo com que se concretize na enunciação (DAHLET, 2005, p. 251). Através dessa entonação, a enunciativa consegue expressar a euforia do ex-feitor, o desejo imediato e incontrolável e a falta de respeito ao ser mulher negra. Além disso, dispõe

¹Link do vídeo de Lucinda declamando o poema *Mulata exportação*:
<https://www.youtube.com/watch?v=GD4PoGwg5Ew>



também de uma linguagem corporal que representa o sentimento do eu-lírico em cada momento de fala.

Nessa parte inicial da poesia prevalece um tom de desejo e persuasão, mas, nos três primeiros versos, ela faz uso de um tom de admiração, nesse fragmento é possível perceber um aspecto polifônico, isto é, o fragmento representa as vozes que a sociedade vem construindo de que “em geral os negros não são bonitos, e que se deve admirar quando são”. Além disso, no sétimo verso “vem meu pão de açúcar”, ao dizer, a enunciadora faz uma representação corporal e entoada como se estivesse mesmo “derretendo” de desejo no intuito de dar mais significação à palavra açúcar.

8. Monto casa procê mas ninguém pode saber, entendeu meu dendê?)
 9. Minha tonteira, minha história contundida
 10. Minha memória confundida, meu futebol, entendeu meu gelol?
 11. Rebola bem meu bem-querer, sou seu improviso, seu karaokê;
 12. Vem nega, sem eu ter que fazer nada.
 13. Vem sem ter que me mexer
 14. Em mim tu esqueces tarefas, favelas, senzalas, nada mais vai doer.
 15. Sinto cheiro docê, meu maculelê, vem nega, me ama, me colore
 16. Vem ser meu folclore, vem ser minha tese sobre nego malê.
 17. Vem, nega, vem me arrasar, depois te levo pra gente sambar.
- (LUCINDA, 1997, p. 184-185).

Na oralidade, o oitavo verso é expresso em tom de segredo, baixo. O sentido é o de expressar como o negro e as mulheres, independentemente de cor, ainda são vistas como mercadorias e suscetíveis de compra. Compreende-se, também, como linguagem o silenciamento imposto pelo ex-feitor. Conforme Eni Orlandi, a política do silêncio “produz um recorte entre o que se diz e o que não se diz” e, no interior da concepção de política do silêncio, existe o *silêncio local* que é a forma mais visível pela qual a interdição do dizer se manifesta (ORLANDI, 2007, p. 72-75).

Assim, o sujeito ex-feitor é representado como aquele que faz uso da situação que sabe que a negra está inserida para convencê-la de que será bom fazer o que lhe propõe, oferece-lhe casa, argumentando ser “seu improviso”, “seu Karaokê”. Evoca substantivos que trazem junto a si uma historicidade profunda e perpetuadora, “Em mim tu esqueces tarefas, favelas, senzalas, nada mais vai doer”, referindo-se ao período da escravidão e pós abolição, quando surge a exclusão social, pois os negros tornaram-se livres, mas não tinham para onde ir, restando-lhes apenas os morros, o que dá origem às favelas.



Mas antes a chama de “minha história contundida”, percebe-se presente aqui o prazer de estar se apossando de alguém que muito sofreu. Ou seja, é um sujeito homem consciente da história do negro, das dores e dos sofrimentos e usa isso para se promover como a “esperança de salvação”.

Nos versos nove e dez, a enunciadora declama com entonação que sugere a representação de gemidos de prazer do ex-feitor ao imaginá-los juntos. Depois continua com o tom de desejo, com vocativos metafóricos. E emprega palavras de origem africana, como procê, dendê, docê, maculelê. O ex-feitor usa essas palavras como uma forma de aproximação da linguagem como quando conversamos com crianças, o que faz pensar que é necessário utilizar de palavras mais próximas ao vocabulário da mulher negra, como se ela fosse incapaz de entender a sua.

Nos versos doze e treze, a enunciadora Elisa Lucinda, mais uma vez, interpreta corporalmente o que diz, com uma requebrada na cintura para ilustrar o verbal: “Vem nega, sem eu ter que fazer nada, Vem sem ter que me mexer”. É o corpo seguindo as instruções do texto verbal, é a interiorização desse ato verbal. Mesmo que a fala seja de negação do movimento, o ex-feitor ilustra o movimento que ele não precisaria fazer. Mais uma vez a mulher negra é tratada de forma idealizada no que se refere ao sexo, e como objeto de prazer garantido.

No verso dezesseis, a mulher negra é colocada como objeto de estudo que, possivelmente, renderia uma tese. Esse sentido de estudo exprime uma curiosidade em relação à mulher negra que não é encarada como qualquer outra, mas como um ser idealizado sexualmente, exótico que precisa ser explorado, estudado. Além disso, percebe-se um ar de deboche diante da metáfora usada pelo ex-feitor de ser até seu “folclore”; nesse momento, a enunciadora altera a voz, produzindo o sentido de alguém que não acredita no que ouviu.

Já é possível perceber uma mudança na entonação da voz no verso dezessete, o último que simboliza a fala do ex-feitor. Nesse verso, a enunciadora declama com um tom de desagrado, trazendo, na voz, a vítima que conta o que ouviu, é de suma importância perceber, através da mudança de entonação, quem é o sujeito da fala. Esta mostra que, na verdade, não é o ex-feitor, mas é ela; assim o interlocutor percebe que se



trata de um protesto do sujeito que tem o lugar de fala e apropria-se desse lugar para denunciar as mazelas sociais sofridas pela mulher negra.

Esse enunciado demonstra, em maior grau, a constatação central de nossa análise: o lugar de fala do sujeito, o que a imagem da enunciativa representa em seus discursos verbais.

CONCLUSÕES

Constatamos, com este estudo, que a imagem discursiva construída pela enunciativa demonstra a heterogeneidade de vozes que se convergem numa só direção de sentidos. É a voz da mulher negra militante (fala fortemente marcada pelas vivências da mulher Elisa Lucinda²) que se materializa na encenação e na voz da enunciativa artista e poetiza. O *ethos* de mulher negra no vídeo em análise se particulariza, como vimos, pela síntese das vozes do ex-feitor e da “mulata exportação”/“nega linda” que se subjetiva como resistência a práticas sociais e discursivas de discriminação e exclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Resistência; Mulher negra; Elisa Lucinda.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Ideologia. In.: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

CONCEIÇÃO, Evaristo. Conceição Evaristo: minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra. 2017. Disponível em:
<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acesso em: 06 d dez. 2018.

DAHLET, Véronique. A entonação no dialogismo Bakhtiniano. In.: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção dos sentidos**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.

² Processo que compreendemos a partir do conceito de “escrevivência”, apresentado pela escritora Conceição Evaristo.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

MAINGUENEAU, A noção de *ethos* discursivo. In: MOTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). **Ethos Discursivo** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.



DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO